

Personagens



Bruno

Este é Bruno, ele é um menino que tem quatro anos. Ele é bochechudo e tem o queixo pequenininho, parece que ele tem uma calça de cachorrinho, uma blusa de boneca e de menino, tem sapato vermelho com branco e cabelo marrom, sua boca é preta, e tem orelha e olho, sua blusa é rosa. Ele mora numa casa verde. Ele tem família: o pai, a mãe, o vó, a vó, o tio e a tia, todos moram juntos na casa do Bruno. Ele gosta de brincar de bicicleta, de ir à pracinha e de pintar, tomar café, comer pão, comida, pão de queijo, biscoito, doce, verduras, bolo e gosta muito de ovo molinho com arroz. Olha que barrigão ele está! Ele toma banho e ajuda a mamãe lavar a roupa, estuda na escola Padre Justino e desenha. Ele é feliz porque tem uma família!

Professora Andréia Maria Vieira
Professora Lenita Maria Azara Pedrosa
Coordenadora Aparecida Francisco
Pré-escola (4 anos) CEMEJ 'Padre Justino Obery'
Campo Belo



Kaká

Meu nome é Joaquim, mas me chamam de Kaká. Tenho seis anos, moro com meu pai João e minha mãe Beatriz. Meu pai é alto e branco e minha mãe é baixa, branquinha e boazinha. Os dois são bonitos. Tenho dois irmãos, Ana Paula e Juninho. Aninha tem três anos e Juninho tem quatro. Nós moramos em Varginha. Moramos em uma casa alta, pintada de azul e amarelo, enfeitada, tem relógio na parede. Eu estudo no 1º ano e minha professora é a Maria José. Ela é baixa e bem gorda, mas é muito legal. Minha escola tem telhado novo, trabalhinhos nas paredes e é bem, colorida. Lá tem muitas crianças e tem até crianças grandonas. Eu tenho muitos amigos: João, Jorge, Dudu, Raissa, Vitória e Stéfany. Meu brinquedo preferido é pular, brincar de carrinho e jogar bola. Gosto muito de músicas animadas. Gosto muito de usar roupas bonitas como esta que estou usando. Minha mãe é quem compra pra mim. Eu não gosto de ficar sujo e nem de pegar piolho, de comer cebola e verduras. Eu sou um menino obediente, feliz e que gosta de ajudar a mamãe quando ela precisa.

Professora Kátia Cilene Mesquita,
Pré-escola (4 anos) CEMEJ 'Arco-Íris'
Varginha

Desenhos do discente Anderson Rodrigo Mira, que foram propostos às professoras para que levassem à escola e junto com as crianças dissessem quem eram os bonecos e a boneca.



Eliel

chamava Eliel ele vivia em uma cadeira de rodas. Ele não tinha nem pai e nem mãe, mas morava em uma casa de madeira, com sua tia Lia. Ele estudava em uma escola estadual que se chamava Colégio Tiradentes. Era o único aluno cadeirante da escola. Mas era muito esperto, muito estudioso, muito brincalhão e, além disso, gostava de muitas coisas. Gostava de praticar esportes como basquete e corrida, e já havia ganhado algumas medalhas. Além de ser uma criança diferente, nada atrapalhava ele fazer o que queria. Passeava aos domingos com sua tia na praça e seu cachorrinho Totó. Tinha muitos amigos para conversar e brincar, eles achavam Eliel muito legal. E mesmo sendo cadeirante, Eliel era uma criança feliz e descobriu que os amigos gostavam muito dele.

Professora Graziella 2ª série do Colégio - Tiradentes - Lavras



Joana

Segundo as crianças, ela nasceu no hospital; foi o pai que levou a mãe para o médico tirar ela da barriga dela. Ela tem 7 anos e o dia de seu aniversário é dia 7 de julho. Estuda no CAIC, na sala da Regina e na hora do almoço, ela come um montão de vezes, por que ela gosta de arroz, feijão, verdura e carne.

A roupa dela é bonita, pois a mãe comprou pra ela ir na festa da escola e o tênis de carro ela ganhou do moço que arranca dente e era do filho dele. Quem levou foi a avó que trabalha na casa do moço. Ela é feliz porque tem roupa nova.

A Joana brinca na rua com os coleguinhos. Gosta de chutar bola e quebrou o vidro da casa da moça brava. Brinca com o cachorro, de boneca, carrinho e rola na grama. Sua casa é grande, pois tem um quarto, uma cozinha e um banheiro, onde mora Joana, a mãe Júlia e a avó Maria. Elas dormem na mesma cama. O pai chama-se Luis e não mora na mesma casa por que a avó não deixa. Ele bate na mãe e na "bunda" da Joana. Não trabalha e a Joana não gosta quando ele vai buscá-la para sair, pois ele a leva para o "bar" onde só tem gente grande, que toma "pinga e fumo cigarro de papel". No bar ele compra coxinha, torresmo, bala, chocolate e churrasquinho de carne, guaraná e ela come tudo. A mãe não pode namorar com ninguém, se não ele mata a mãe e o namorado com a faca que fica dentro da calça dele. A mãe a leva todos os domingos que tiver de sol para a praça brincar no pula-pula, comer pastel, pipoca, algodão doce, pirulito e bala. Depois elas vão para casa almoçar e dormir, por que a Joana vai com a avó Maria na igreja pro pastor curar; pro papai do céu curar a dor das costas dela. Ele põe a mão na cabeça dele e fala: sai em nome de Jesus e a dor vai embora.

Professora Eleudiléia Maria Reis de Oliveira
Crianças do maternal II A
Centro Municipal de Educação Infantil
"Vitória Moura" CAIC
Lavras/MG



Felipe

Barbosa Elias é um garoto de nove anos que se veste normalmente, apesar da camiseta colorida com estampa de estrela. Seu cabelo é castanho com loiro e seus olhos são azuis. É um garoto que mora na cidade, é rico e mora em uma casa com seu irmão e sua irmã. A mãe dele se chama Ana Clara. Ele tem tatuagem de estrela na perna.

Professora Maria P. Pena - Pré-escola (5 anos)
Professora Patrícia Miranda - Pré-escola (4 anos)
Lavras

O menino que era feliz
Era uma vez um menino com olhos azuis, cabelos castanhos que tinha sete anos e se chamava Eliel ele vivia em uma cadeira de rodas. Ele não tinha nem pai e nem mãe, mas morava em uma casa de madeira, com sua tia Lia. Ele estudava em uma escola estadual que se chamava Colégio Tiradentes. Era o único aluno cadeirante da escola. Mas era muito esperto, muito estudioso, muito brincalhão e, além disso, gostava de muitas coisas. Gostava de praticar esportes como basquete e corrida, e já havia ganhado algumas medalhas. Além de ser uma criança diferente, nada atrapalhava ele fazer o que queria. Passeava aos domingos com sua tia na praça e seu cachorrinho Totó. Tinha muitos amigos para conversar e brincar, eles achavam Eliel muito legal. E mesmo sendo cadeirante, Eliel era uma criança feliz e descobriu que os amigos gostavam muito dele.

Professora Graziella 2ª série do Colégio - Tiradentes - Lavras



Editorial

Falar de gênero, sexualidade e diversidade nas instituições de ensino é sempre um desafio. Nos caminhos traçados até então, entrelaçados por trocas de experiências entre docentes das cinco universidades que estão no Projeto, entre discentes que criam e recriam atividades, estão os/as cursistas que, no dia-a-dia em seus espaços escolares, questionam-se e surpreendem-se com questões múltiplas, pois diversas, que os/as levam a (re)descobrir que instrumentos temos para discutir estas temáticas nas instituições de Educação Infantil?

O Projeto "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil" visando implementar a educação para a sexualidade e gênero para crianças de 0 até 6 anos de forma intencional e sistemática nas referidas instituições, entretete a teia que se constitui nas diversidades surgindo que há sempre a possibilidade da inserção de novas e variadas ideias, saberes e fazeres. Instigadas e instigadas a observar o cotidiano escolar, uma questão se faz presente nas inscrições que professoras e professores trazem nos cursos: ser menino e ser menina nos espaços escolares infantis. Como trabalhar as questões de gênero, sexualidade, buscando ouvir os desejos, os anseios e necessidades das crianças, buscando a equidade, o respeito às diferenças? Como entretecer caminhos buscando contemplar a igualdade nas diferenças, buscando nestes caminhos o da educação para os direitos humanos e, ouvindo a fala das crianças, contemplar a construção do respeito às diferenças? Uma das linhas de ação deste projeto perpassa por todo ele. É a comunicação. Um dos instrumentos para que todas estas questões sejam compartilhadas, vistas, lidas, estudadas, discutidas e conhecidas é a página na internet, o blog e o Jornal TEARES. Divulgar nas várias mídias as ações deste projeto é levar ao conhecimento da sociedade informações com conteúdo que possibilite às pessoas refletirem suas práticas diárias na convivência social e aos/as profissionais da educação infantil repensarem suas práticas, despertarem para outras possibilidades e condutas nas suas instituições.

Questões de gênero e sexualidade estão presentes nas escolas cotidianamente. Envolvidos/as nas discussões podemos subsidiar as várias mídias, através de informações para que aconteça um diálogo crítico entre os/as envolvidos/as diretamente com este projeto, as escolas públicas, os espaços das universidades, as rádios, TVs, jornais, páginas de internet de tantas quantas instituições forem afetas às temáticas trabalhadas, bem como fazer chegar as discussões aos Conselhos Tutelares, de Direitos, às famílias, às secretarias de saúde e educação, CRAS/CREAS, ONGs, enfim, todos e todas participantes da Rede de Proteção.

Portanto, apresentar as várias possibilidades de construir conhecimentos e conceitos através da divulgação de um trabalho onde cinco universidades estão envolvidas, onde o âmbito da ação envolve mais de 500 profissionais na formação destas

Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente

O Projeto "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil" possui em sua equipe docentes, mestres, doutoras/es que compõe um grupo de Estudos e Pesquisa denominado ANAHI e transita pelas temáticas de gênero, sexualidade, diversidade sexual, educação para os direitos humanos, dentre outros temas. Uma das particularidades é que cada universidade que está neste projeto possui um grupo de estudos e pesquisa. Nesta edição, apresentamos o Grupo de Pesquisa liderado pela professora doutora Cláudia Maria Ribeiro do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – UFPA – denominado "Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a problemática da formação docente", grupo este formado em 2009. Atualmente possui 21 integrantes entre pesquisadoras, estudantes e especialistas. Suas linhas de pesquisa são: Educação e Relações de Gênero e Filosofia, Educação e Sexualidade Humana.

O Grupo objetiva promover reflexões teóricas sobre a temática Filosofia, Educação, Sexualidade Humana e Gênero estudando os referenciais sócio-históricos e pós-estruturalistas. Produz conhecimentos no âmbito das interfaces entre Filosofia, Educação, Sexualidade Humana e

Gênero, enfocando a constituição dos sujeitos sócio-históricos no processo social e educativo com ênfase na atuação docente. Atua no ensino, pesquisa e extensão. Atualmente, está na coordenação do Projeto de extensão/pesquisa aprovado na SECAD/MEC/FNDE intitulado: "Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil" que integra as Universidades Federal do Mato Grosso do Sul e Federal de Juiz de Fora, Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade de São Paulo (USP/Leste).

Integrantes

Pesquisadoras: Carolina Faria Alvarenga, Cláudia Maria Ribeiro, Elizabeth Franco Cruz, Ila Maria Silva de Souza
Estudantes: Alessandro Garcia Paulino, Ana Flávia Soares, Evelyn de Melo Paula, Marina Aparecida Marques Castanheira, Morgana de Oliveira Faria, Priscila Regina Vilas Boas, Izabella Caroline do Nascimento, Lívia Monique de Castro Faria, Stefane Alves Afonso, Willian Divino Inácio, Vanessa de Paula Caixeta, Anderson Rodrigo Mira e Samanta Fraiz de Mello

Técnicas: Andréia Helena de Lima, Luciene Aparecida Silva, Maria de Fátima Ribeiro, Sabrina Azevedo Ferreira Assis

Pesquisas atuais:

- Entrelaçando Pesquisa e Extensão Universitária com Foco no Lúdico na Educação Infantil: desencadeando processos educativos em nove cidades do sul de Minas Gerais aprovada pela FAPEMIG – Lívia Monique de Castro Faria;
- Vergonha nunca mais: textos culturais com foco nas políticas de identidade – Alessandro Garcia Paulino;
- Gênero, sexualidade e Lúdicidade: (im)possibilidades no contexto da Educação Infantil – Marina Aparecida Marques Castanheira;
- Sistematizando e ampliando as ações do projeto Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção;

- Desafios para a formação continuada docente: reflexões sobre uma experiência na área de políticas públicas de inclusão no campo da educação;
- A formação discente no interior de um projeto de extensão universitária: desafios e possibilidades ao discutir sexualidade e gênero – Luciene Aparecida Silva;
- Saberes, vivências e sentimentos de professoras/es sobre gênero e diversidade sexual na Educação Infantil – Carolina Faria Alvarenga;
- Entretendo lúdicidade, gênero e sexualidade na formação de educadoras/es: possibilidades e potencialidades para a Educação infantil

temáticas de gênero, sexualidade e diversidade na Educação Infantil, é fazer dos veículos de comunicação – rádio, jornal, internet, blog – uma rede que tece contatos entre universidades e sociedade podendo fazer diferença e contribuir para que as desigualdades sejam enfrentadas

discutindo respeito às diferenças e sendo a construção desta teia a se entrelaçar com outras realidades não menos iguais nem desiguais, apenas diferentes.

Fátima Ribeiro
Jornalista,
Especialista em Educação.



A (re)construção de novos saberes e fazeres sobre as relações de gênero na educação infantil

A temática das relações de gênero desperta muito interesse nas educadoras e nos educadores, porém, ao mesmo tempo, gera inseguranças, medos, traz à tona preconceitos. A formação pessoal permeia a prática docente e, muitas vezes, traz muitos obstáculos a serem ultrapassados quando se pretende trabalhar em uma perspectiva que rompa com o discurso da naturalização, por meio de explicações biológicas, essencialistas e dicotômicas.

Por que nós, docentes, temos tanta dificuldade em trabalhar estas temáticas em nosso cotidiano escolar? Será possível transformarmos nossas práticas sem questionar, problematizar, por em xeque nossas verdades, nossas certezas, construídas desde tenra idade?

Antes mesmo de nascermos, vamos aprendendo que o mundo das meninas é diferente do mundo dos meninos. Para elas, brincadeiras que remetem ao cuidado e a um ambiente doméstico em miniatura, como brincar de bonecas, de casinha, de fazer comidinha, de lavar louça e de passar roupas. Tudo sempre cor de rosa. De outro lado, em um mundo azul, vão se formando os meninos. Brincadeiras agitadas, de correr, bater, pular, gritar são propiciadas a eles. Carrinhos, bonecos, futebol, corridas, jogos violentos fazem parte de suas rotinas.

Neste sentido, modelos de comportamento vão sendo reforçados: agressividade, racionalidade, agitação, para os meninos; docilidade, amorosidade, delicadeza para as meninas. Este aprendizado inicia-se na família e na escola e por outras instituições sociais importantes em nossa sociedade: mídia, religião,

legislação e o próprio Estado. Formas de ser e de estar no mundo que se excluem, se polarizam, se chocam.

Uma das consequências desta dicotomia está em nossas subjetividades: temos vontade de ser (e somos!) diferente daquilo que é previsto para o nosso sexo e somos tolhidos/as, criticados/as, censurados/as, discriminados/as. Temos como exemplo o livro infantil, Faca sem ponta, galinha sem pé, de Ruth Rocha (1998), em que dois irmãos, Joana e Pedro, viviam brigando e implicando com aquilo que o/a outro/a não podia fazer. Pedro não podia chorar, não podia ser covarde, não podia se emocionar ao assistir a uma novela, não podia ser vaidoso. Por outro lado, Joana não podia subir em árvore e nem jogar futebol. Ela tinha que ser delicada, boazinha, assim como diziam seu pai e sua mãe. Joana e Pedro precisaram virar Joano e Pédra para perceberem que as cobranças estabelecidas pela sociedade em relação ao que devem ser são construções sociais, culturais e históricas e, portanto, possíveis de serem transformadas.

Para além da dicotomia entre os sexos, há também a hierarquização. Em nossa sociedade, tudo o que é considerado masculino é mais valorizado do que aquilo que é tido como feminino. Podemos citar como exemplo a linguagem. Utiliza-se o masculino quando se tem o objetivo de se referir a homens e a mulheres. Homem como sinônimo de ser humano. Nesta construção, onde está a visibilidade das mulheres? Outro desdobramento é a desvalorização, tanto de status como salarial em relação às profissões ditas femininas, em especial aquelas cujo foco é o cuidado.

A profissão docente é uma delas, principalmente, a educação infantil.

Se pensarmos no cotidiano das escolas, podemos observar que a desigualdade nas relações de gênero é reproduzida diariamente. A rotina da educação infantil é repleta de momentos, de atividades e de espaços separados entre meninos e meninas: brinquedos, brincadeiras, jogos, disposição das mesas, tipos e cores de materiais escolares, banheiros, filas, contagem das crianças e vários outros aspectos.

Porém, se considerarmos que estas condutas, diferenciadas por sexo, são aprendidas e interiorizadas, e não naturais, biológicas, como muitos/as consideram, e a escola é um espaço onde estes comportamentos são reiterados, precisamos nos questionar: podemos fazer com que a educação infantil seja um espaço em que as crianças aprendam outras formas de ser menino e de ser menina? Elas podem construir sua identidade de gênero de forma menos autoritária e controladora?

A escola, especialmente a de educação infantil, pode ser um lugar em que outras práticas e novas (re)construções sejam possíveis. Dessa forma reitero a importância da formação continuada das professoras e dos professores. Assim como as crianças, nós, adultos/as, também aprendemos e temos reforçado, a todo o momento, os valores sexistas, racistas e homofóbicos presentes em nossa sociedade, e, por isso, é necessário que tenhamos espaços de discussão, problematização e reconstrução de nossas verdades, até então



questionáveis.

Ao analisarmos os currículos dos cursos de licenciatura, dentre eles o de Pedagogia, encontramos pouquíssimas disciplinas ofertadas sobre a temática das relações de gênero. A maioria é de caráter optativo. Neste sentido, a ausência (ou quase ausência) da discussão de temas tão relevantes para a formação de educadoras e educadores precisa ter seu espaço garantido em cursos de formação continuada, como os de extensão.

Assim, um dos desafios do projeto Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil é tentar desconstruir formas de ensinar/aprender e (re)construir possibilidades metodológicas na temática das relações de gênero na infância. Precisamos revisitar nossas concepções, sensibilizar o nosso olhar, pensar na complexidade das relações e assumir, intencionalmente, práticas cotidianas que vão construindo novas possibilidades de as crianças vivenciarem as relações de gênero de forma democrática e igualitária.

Carolina Faria Alvarenga
Professora Departamento Ciências Humanas
Universidade Federal de Lavras (DCH/UFPA)
Email: carol_alvarenga@dch.ufpa.br



TEARES

Nº 3 . Ano 1 . Agosto/2010

Visite nosso projeto pelos endereços abaixo:
Site: www.ded.ufpa.br/generosexualidade-ei
Blog: <http://generosexualidade-ei.blogspot.com>

Pintura de unhas

Maquiagem

Pintura de camisetas

Chute a gol

O lúdico como ferramenta de transformação

Podemos favorecer inúmeras situações de integração e construção de um novo olhar sobre a Diversidade-Gênero-Sexismo nas escolas desde a Educação Infantil com as crianças. A exemplo disso, apresentamos uma situação dessas ocorrida em um evento do CEMEJ Dona Julia dos Santos Dias (Campinas, SP) com as famílias, no mês de junho, com tema "Copa do Mundo 2010". Foram planejadas diversas oficinas de atividades e as famílias foram convidadas a participar junto com as crianças, deste dia especial. Nas oficinas de atividades apresentamos diversas opções para livre escolha: mesa de esmaltes (com todas as cores), maquiagem, tatuagem com tinta, chute a gol, construção de "viseiras", pintura em camisetas, fuxico. Pudemos observar diversas situações interessantes: pais levando os filhos (meninos) para pintar as unhas de verde, azul e amarelo e diversas meninas pintando as unhas também... outros impedindo que seus meninos fossem até a mesa de esmaltes. Pais e filhos pintando camisetas junto com mães, filhos e filhas. No chute a gol apenas três pais organizando a brincadeira para meninos e meninas participarem, sempre os meninos ficaram no gol... As mesas de maquiagem/tatuagem (de bandeiras, animais, pintura de rosto) com meninas e meninos, pais e mães; o canto do fuxico (artesanato de tecido) só com mães com meninas e alguns meninos, a confecção de viseiras tudo misto: homens e mulheres, meninos e meninas....

Existem muitas situações de separação de sexos, introduzidos desde a educação infantil em muitas escolas, como: banheiros de menina e menino, filas de menino e menina... e também diversos motivos válidos para juntar e também para separar... estas separações acabam sendo ampliadas quando vemos as crianças espontaneamente separando cadernos em pilhas

de 'menina' e 'menino' e justificando que é para 'facilitar'... Tais situações também nos provocam reflexões, as quais requerem, como sugere Ribeiro (2009), navegar entre tensões, contradições e hesitações.

Como intervir? Devemos intervir? Para que intervir? Às vezes, ajudamos muito mais com o silêncio, deixando que as coisas aconteçam naturalmente... outras, através de provocações e questionamentos que geram conflitos, em que as próprias crianças encontram a solução desejada, e em outros casos usando a nossa intuição...

A literatura infantil é rica em histórias que tratam do sexismo e modelos que já não dão conta da diversidade de opções que o mundo oferece a todos, como: 'Por que não um carrinho', 'Homem não chora', 'Quem tem medo do ridículo?', 'Tudo bem ser diferente', 'Menino brinca de boneca?', etc.

Enfim, lidar com a sexualidade e gênero na Educação Infantil é, sem dúvida, desafiador e enigmático, pois cada criança é uma caixinha de surpresas. Quando permitimos que ela se mostre, uma vez que, ao longo dos anos, ela veio sendo vista e estudada pelo adulto, médicos e estudiosos da educação, carregando uma falsa ideia de que seria 'como uma página em branco' na qual o adulto teria que imprimir os conhecimentos, ensiná-la tudo, quando na verdade, desde que nasce, ela nos ensina muita coisa e mostra que é capaz de muito mais. Para isso, basta que a ela sejam dadas oportunidades e condições adequadas para estabelecerem trocas e experiências sociais. É preciso pensar nas distintas relações que permeiam a educação infantil, para reconhecer as vivências diferenciadas de meninas e meninos, as quais evidenciam desigualdades que precisam ser superadas para garantir às crianças pequenas a vivência plena da infância.

Confecção de viseiras

Adriana Elizabeth Risi Simões
Signorette
Pedagoga, Professora de
Educação Infantil – AG2 CEMEJ D.
Julia dos Santos Dias,
Campinas/ SP
Cândida Maria Santos Daltr Alves
Pedagoga, Professora de estágio
supervisionado para Educação
Infantil – Campinas/SP